

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

Rolling Stone

COM FOTOS
EXCLUSIVAS
DE BASTIDORES



GANDALF
Ian McKellen



THORIN
Richard
Armitage



GALADRIEL
Cate Blanchett

O HOBBIT

O GUIA
DEFINITIVO

rollingstone.com.br

Martin Freeman
como Bilbo Bolseiro

EDIÇÃO DE COLECIONADOR



O HOBBIT

O GUIA DEFINITIVO

O HOBBIT

O GUIA DEFINITIVO

UM HERÓI IMPROVÁVEL

Martin Freeman fala sobre a experiência de se transformar em Bilbo Bolseiro
POR MEREDITH CLARK **Pág. 10**

UM EVENTO INESPERADO

Bilbo encontra os anões e embarca em uma aventura que mudará sua vida para sempre
Pág. 16

IRMÃOS ARMADOS

Conheça os 13 anões furiosos que não irão desistir até recuperarem sua terra natal
Pág. 22

SENHOR DA TERRA-MÉDIA

Em 2004, Peter Jackson se preparava para arrebatar vários Oscars por *O Retorno do Rei*
POR GAVIN EDWARDS **Pág. 30**

UMA CONVERSA COM PETER JACKSON

O cineasta abre o jogo sobre as filmagens de *O Hobbit – Uma Jornada Inesperada*
POR SEAN WOODS **Pág. 36**

O MAGO ANDARILHO

Sir Ian McKellen revela detalhes da intimidade do feiticeiro Gandalf
Pág. 46

ADIVINHAS NO ESCURO

O ator Andy Serkis desvenda a natureza diabólica do sinistro Gollum
Pág. 56

ELFOS SUPERIORES E PORTADORES DO ANEL

Cate Blanchett, Elijah Wood e Hugo Weaving retornam à Terra-média
Pág. 62



José Roberto Maluf PUBLISHER

EDITOR-CHEFE: *Pablo Miyazawa*

EDITOR: *Paulo Terron* EDITORES ASSISTENTES: *Paulo Cavalcanti, Bruna Veloso* PRODUÇÃO EDITORIAL: *Ana Reis* REPÓRTER: *Stella Rodrigues*
DIRETOR DE ARTE: *Daniel S. B. Mangione* CHEFE DE ARTE: *Tamara Emy* DESIGNERS: *Gian Lucca Amoroso, Raphael Galassi*
PRODUTOR GRÁFICO: *Eduardo Keppler* TRADUÇÃO: *J.M. Trevisan* REVISÃO: *Marcelo Paradizo* WWW.ROLLINGSTONE.COM.BR
EDITORA: *Bruna Veloso* DIRETOR COMERCIAL: *Márcio Maffei* EXECUTIVOS DE CONTAS: *Fernanda Giorgis, Claudia Maffei, Milene Rizzardi, Andrea Alencar* ONLINE: *Ana Arcoverde* GERENTE DE CIRCULAÇÃO: *Cristiane Brito* ESTAGIÁRIA: *Aline Diniz*
GERENTE FINANCEIRO: *Edison Arduino* GERENTE DE MARKETING E PROJETOS ESPECIAIS: *Leo Belling*
ASSISTENTE DE MARKETING: *Thais Azevedo* ARTE E VÍDEO: *Tiago Scatena* ESTAGIÁRIA: *Carolina Cardena*

Jann S. Wenner EDITOR AND PUBLISHER

MANAGING EDITOR: *Will Dana* EDITOR: *Sean Woods* DESIGN DIRECTOR: *Joseph Hutchinson* CREATIVE DIRECTOR: *Jodi Peckman*
DEPUTY MANAGING EDITOR: *Nina Pearlman* CONTRIBUTORS: *Meredith Clark, Katie Van Syckle* ART DIRECTOR: *Mark Maltais*
DESIGNERS: *Ronald Sequeira, Yelena Guller* PHOTO EDITOR: *Deborah Dragon* ART AND PHOTO ASSISTANT: *Jackie Lee*
COPY EDITORS: *Jessica Machado, Gaylord Fields, Heather Hughes, Chris M. Junior, Sarene Leeds, Jason Maxey* RESEARCHERS: *Corinne Cummings, Andrea Jones, Ariana R. Phillips, Phoebe St. John, Jane C. Timm* PRODUCTION: *Eleni Tzinakos, KellyAnn Kwiatek*




O FEITICEIRO
CONVIDA
Após Gandalf
solicitar a ajuda de
Bilbo Bolseiro, a vida
do hobbit nunca mais
será a mesma.



• INTRODUÇÃO •

O HOBBIT

DE

PETER JACKSON



“N

UMA TOCA NO CHÃO VIVIA UM HOBBIT.” J.R.R. TOLKIEN RASCUNHOU essa memorável primeira frase há mais de 75 anos, e, ao fazê-lo, o professor de Oxford e veterano da Primeira Guerra Mundial deu vida a todo um gênero de literatura – inspirando desde os hippies dos anos 60 aos fanáticos por RPGs, e uma porção de outras pessoas que simplesmente amavam, como o diretor Peter Jackson conta à *Rolling Stone*, “uma grande e incrível aventura”.

O Bilbo Bolseiro de Tolkien, o hobbit da saga, está no mesmo nível do Dude de *O Grande Lebowski* como um dos maiores boas-vidas da história da cultura pop. Bilbo é adepto dos prazeres, um cara que adora comida, alegria e a menor quantidade de emoção possível. Por isso tudo, é claro que ele acaba no meio de uma aventura com 13 anões e um mago cruzando toda a Terra-média, encarando incontáveis perigos, matando um dragão e retomando um reino. Muito do apelo eterno da história vem do modo como Tolkien amarra um conto clássico para crianças com um profundo imaginário emprestado de mitos e lendas, e a escrita transmite sua própria sensação de perda após assistir a uma geração inteira morrendo nas trincheiras da Europa.

Esta edição especial de colecionador serve como um acompanhamento para o filme de Jackson, *O Hobbit – Uma Jornada Inesperada*, que estreou nos cinemas em 14 de dezembro, o primeiro de três longas baseados no curto livro infantil. Muitos se perguntaram por que uma história tão breve seria transformada em uma saga de seis horas. Em nossa entrevista exclusiva na página 36, Jackson explica suas razões para estender o narrativa: pôde adaptar centenas de páginas do material original de Tolkien não incluso no livro, o rico passado de Thorin Escudo de Carvalho, a guerra entre anões e orcs e os esforços do feiticeiro Gandalf e da rainha élfica Galadriel para impedir a ascensão do poder maligno que viríamos a conhecer em *O Senhor dos Anéis*. Estes filmes de *O Hobbit* funcionarão como introduções adequadas para a já clássica trilogia de *O Senhor dos Anéis*. “Estamos fazendo uma versão tamanho família de *O Hobbit*”, diz Jackson. E, para milhões de fãs de Tolkien, o que poderia ser melhor do que isso? 🍷



CURTINDO A VIDA

O mais improvável dos heróis de ação, Bilbo Bolseiro é também um dos maiores boas-vidas da história da cultura pop.







O CONDADO

Da confortável casa de Bilbo,
o Bolsão, um mundo vasto
acena e conduz o hobbit a
uma aventura épica.





CAÇADOR DE TESOUROS

“Bilbo descobre muito sobre o mundo e sobre si mesmo”, diz Martin Freeman.

“E nem sempre de um jeito bonito.”



UM HERÓI IMPROVÁVEL

Em sua jornada, Bilbo Bolseiro deixa de ser um dos mais dedicados boas-vidas do mundo para se tornar um ladrão disposto a invadir o covil de um dragão



POR MEREDITH CLARK

II



P

REGUIÇOSO E CASEIRO, AMANTE DA BOA COMIDA, DIVERSÃO E CACHIMBO, Bilbo Bolseiro pode ser considerado o herói mais improvável a partir para uma aventura épica em todos os tempos. No começo da história, não havia ninguém mais sereno, acomodado ou previsível que ele. Mas, ao final, o hobbit havia experimentado maravilhas e perigos que jamais poderia ter imaginado.

Para o ator Martin Freeman, que não entendia praticamente nada sobre hobbits até ser escolhido para interpretar Bilbo, o papel foi um verdadeiro curso intensivo sobre o universo fantástico de Tolkien. “Foi como o primeiro dia na escola”, diz Freeman. “Mas Bilbo é o que há de mais próximo de alguém da plateia no filme. Ele é a versão da Terra-média de Michael Corleone – do primeiro ao terceiro filme, ele se torna uma pessoa muito diferente. Gosto dessa mudança. Ele é o escolhido para ter o tapete puxado debaixo de si, e todos os seus pontos de referência se vão – sua casa, seus livros e seus mapas. Bilbo deixa de ser alguém metódico e apegado ao seu modo de fazer as coisas para se tornar uma pessoa completamente aberta. Ele descobre muito sobre o mundo e sobre si mesmo – e nem sempre de um jeito bonito.”



NA CASA DE ELROND

“Bilbo é o escolhido para ter o tapete puxado debaixo de si”, diz Freeman. “Todos os seus pontos de referência se vão. Ele deixa de ser alguém apegado ao seu modo de fazer as coisas para se tornar uma pessoa completamente aberta.”

Freeman foi uma inspirada escolha legitimamente inglesa para o elenco. Seus papéis mais famosos, Tim Canterbury, da versão original de *The Office*, e o Dr. Watson, de *Sherlock* da BBC, compartilham da mesma qualidade britânica de Bilbo. “Peter [Jackson] me disse para usar esse ar inglês”, conta Freeman. “E, bem, eu sou inglês, é quem eu sou. Do mesmo jeito que Robert De Niro interpreta um monte de americanos, entende? O que mais eu faria?”

A coroteirista de *O Hobbit*, Philippa Boyens, acha que Freeman fez um trabalho brilhante ao trazer Bilbo à vida. “É um papel tão difícil”, ela diz. “Ao contrário de Frodo em *O Senhor dos Anéis*, Bilbo não está partindo em uma jornada para salvar o mundo. Na verdade, ele nem sabe o que está fazendo. Não é muito bom com a espada, e não há nada particularmente heroico nele. Por isso, você precisa se apoiar muito em um conjunto de carisma, charme, comédia e numa certa vulnerabilidade do personagem, o que Martin fez com perfeição.”

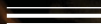
Freeman acabou compreendendo o dilema de Bilbo conforme sua jornada se tornava cada vez mais perigosa. “Bilbo está assustado, mas tem que encontrar um jeito de ser valente. Converse com qualquer soldado, eles não pensam neles próprios, pensam em seus companheiros. E é isso o que Bilbo também descobre.”





DEIXANDO O CONDADO

(No sentido horário, a partir do alto, à esquerda)
Bilbo corre para alcançar os anões; um mapa da casa dele, o Bolsão; lendo o contrato com Thorin e companhia; a árvore genealógica de Bilbo.





UM EVENTO INESPERADO...

...Em que Bilbo conhece os anões, dá uma festa e descobre que está para fazer parte de uma missão impossível: matar um dragão cuspidor de fogo



MALDIÇÕES
AO DRAGÃO
Dori, Fili, Nori e Ori
(da esquerda para a
direita) aproveitam a
hospitalidade de Bilbo.





ARECE ADEQUADO QUE UMA FANTASIA TÃO AMADA QUANTO *O HOBBIT* COMECE COM uma festa-surpresa. Mesmo que seja um evento que o próprio anfitrião, Bilbo Bolseiro, nem sabia que iria oferecer. Quando 13 anões esfomeados e um feiticeiro surgem em sua casa, Bilbo se vê na obrigação de oferecer comida e bebida a eles. É durante a festa que Bilbo ouve falar pela primeira vez sobre como o dragão Smaug destruiu e tomou para si a Montanha Solitária, terra dos anões. Sobre como os anões vagaram em exílio desde então. Sobre como Thorin, líder deles, é na verdade o Rei Sob a Montanha por direito e está sedento por vingança. E como Gandalf sugeriu que ele, Bilbo,

seria o cúmplice perfeito na jornada para matar o dragão e tomar de volta tudo o que lhes foi roubado, porque o hobbit é um “especialista em caçadas ao tesouro”.

Bilbo, é claro, nunca havia roubado nada na vida, e os anões sentem que talvez haja algo estranho, especialmente depois que Bilbo desmaia ao ouvir sobre os perigos da missão. “Assim que bati os olhos nesse sujeitinho... tive minhas dúvidas”, diz um dos anões. “Ele parece mais um dono de armazém do que um ladrão.” Bilbo acaba ouvindo isso, e algo muda dentro dele. Mas o quê?

Talvez seja o mesmo sentimento compartilhado por tantos de nós, um desejo de escapar de nosso meio burguês e confortável em busca de alguma grande aventura no mundo desconhecido. Na manhã seguinte, Bilbo corre porta afora atrás dos anões, que partiram sem ele. “Provavelmente ele preferia ler um livro em vez disso”, diz a coroteirista Philippa Boyens. “Ele ama a ideia da aventura em si, mas tem dúvidas quanto a participar de uma efetivamente. Ainda assim, ele corre pela porta – é um exemplo maravilhoso de como se contar histórias, pura e simplesmente.”





O BANQUETE

O mais gordo dos
anões, Bombur,
bem à vontade. Na
festa, Bilbo é forçado
a constatar que “a
mais infame das
aventuras” havia ido
parar exatamente
dentro da sua casa.



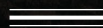




**“UM ESPECIALISTA EM
CAÇADA AO TESOIRO”**

Bifúr, Dwalin, Bofur e Óin
(da esquerda para a direita)
servem-se da comida de Bilbo.

Inicialmente, os anões têm
dúvidas quanto à declaração
de Gandalf – que Bilbo é um
ladrão experiente. Mas o
feiticeiro vai ainda mais longe
ao dizer que Bilbo é “feroz
como um dragão num aperto”,
acrescentando: “Se eu digo
que ele é um ladrão, isso é
o que ele é, ou será quando
chegar a hora”.



IRMÃOS

A força motriz de O Hobbit é composta por 13 anões exilados



MATADORES DE DRAGÃO

Thorin (Richard Armitage)

lidera os anões para a batalha.



ARMADOS

que não serão detidos por nada até reconquistarem sua terra natal



Thorin

Glóin

Óin



UANDO ESCREVEU *O HOBBITE O SENHOR DOS ANÉIS*, J.R.R. TOLKIEN ajudou a romper com a sina do desprezo eterno dos anões, tratados na ficção como seres barbudos e bobos, com nomes como Dunga e Atchim. Os anões de Tolkien são seres rusticamente talhados, básicos, mais parecidos com os minérios extraídos da terra do que com anões de jardim abobalhados. São guerreiros que empunham martelos e machados, saídos diretamente dos mitos nórdicos – de pavio curto, gananciosos e vingativos, mas também habilidosos, companheiros e divertidos. Para esta versão cinematográfica de *O Hobbit*, Peter Jackson e a equipe sabiam que precisavam criar um bando de guerreiros que o público acreditasse ser

capaz de tentar retomar um reino das garras de um dragão. “Tolkien estava atrás de algo mais amplo e profundo com os anões”, diz o designer conceitual de *O Hobbit* e lendário ilustrador, John Howe. “Se você mencionasse a palavra ‘elfo’ a alguém antes de *O Senhor dos Anéis*, a pessoa imaginaria pequenas criaturas usando folhas como roupas e asinhas de borboleta nas costas. Agora os elfos são algo mais grandioso. E, com *O Hobbit*, Peter vai tentar fazer a mesma coisa pelos anões. Ele dará à raça uma mitologia, um histórico de verdade, que fará com que eles realmente se destaquem.”

Com o formato de três filmes, Jackson pôde se afastar da estrutura de livro infantil e explorar completamente a história de Thorin e companhia. Os cineastas tiveram a chance de mostrar o que ocorreu durante o longo exílio dos anões e o que os motiva a uma missão tão impossível de ser cumprida. “Temos a oportunidade de contar toda a história dos anões”, diz a roteirista Philippa Boyens. “A guerra entre anões e orcs, as batalhas



Balin

Dwalin

Bofur

FORJADO A FERRO

Os anões seguirão Thorin na luta contra qualquer perigo. "Há algo profundo em seu coração que inspira a todos eles", diz Armitage. Ori carrega um caderno de rascunhos (*abaixo*) durante a aventura inteira.





Bifûr

Kili

Fili

em Moria e o que aconteceu por lá. Descobrimos o motivo de os anões e os orcs se odiarem tanto. É parte do que está acontecendo na Terra-média no mesmo período de *O Hobbit*, mas não é mostrado no livro.”

O bando de Thorin Escudo de Carvalho inclui os sobrinhos dele, Fili e Kili; alguns companheiros também descendentes de reis anões, como Balin, Dwalin, Glóin e Óin; e guerreiros poderosos, como Bombur e Dwalin – e todos são totalmente leais ao comandante. “Quando você lê sobre Thorin, vê que ele carrega um fardo pesado”, diz Richard Armitage, que interpreta o personagem. “Por isso havia o risco de ele parecer um tipo de ranzinza intransigente. Mas, pelo fato de você poder vê-lo quando jovem, antes de receber o fardo, e ver o que acontece com o povo dele, você começa a entender mais o motivo de ele ser o anão que é. E por que os companheiros o seguem – obviamente há a promessa de grande riqueza e fortuna, mas há outra coisa também. Há algo profundo no coração que inspira todos eles.”

Apesar do peso da missão, os anões também concedem a *O Hobbit* certa leveza. “Os anões são muito mais cômicos do que qualquer coisa em *O Senhor dos Anéis*”, diz Jackson. “São muito mais irreverentes. *O Hobbit* não é sobre a destruição do anel e a salvação de um mundo inteiro. É sobre um grupo de anões que está tentando retomar sua terra natal. E, pelo fato de os anões serem tão diferentes, há esse ar cativante, caprichoso e meio de conto de fadas na história.” De sua parte, Boyens não precisou ir muito longe para encontrar inspiração na hora de escrever sobre o alegre bando de renegados. “Você já esteve na Nova Zelândia?”, pergunta ela, nativa do país. “Poderia muito bem ser habitada por uma porção de anões, eu suspeito. Como nós, eles amam uma boa risada, uma boa comida e uma boa bebida.”

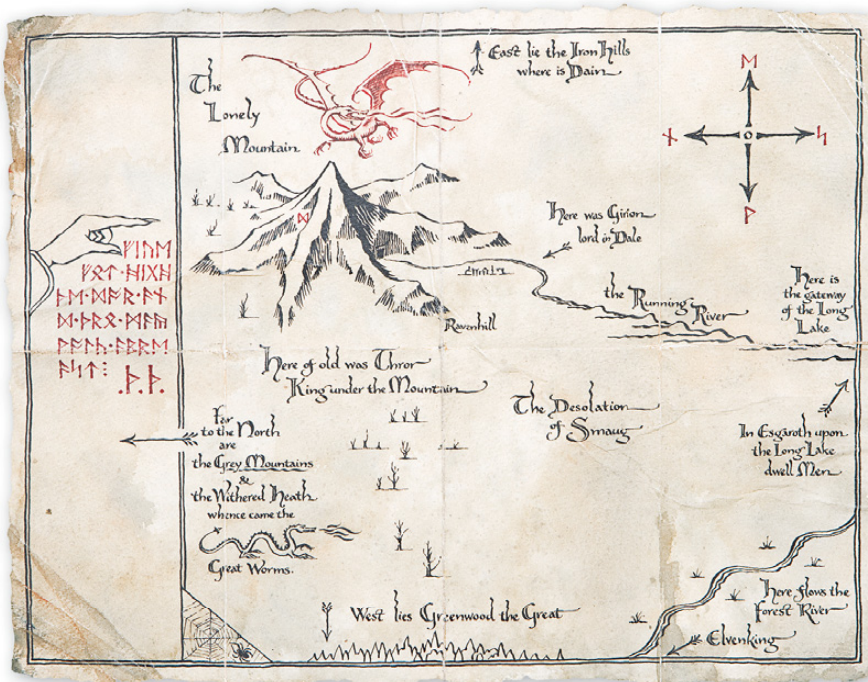


Dori

Nori

Ori

Bombur



A MONTANHA SOLITÁRIA

Para iniciar a jornada, Gandalf dá a Thorin o mapa que leva até o reino perdido dos anões e inclui uma passagem secreta para o covil do dragão.



O ANÃO DESTINADO A SER REI

THORIN ESCUDO DE CARVALHO TEM UM DOS SOBRENOMES MAIS DURÕES DA HISTÓRIA DA LITERATURA. DÁ PARA SENTIR A FORÇA, O ORGULHO E A DETERMINAÇÃO DESDE O MOMENTO EM QUE BILBO ENCONTRA O LÍDER DOS ANÕES PELA PRIMEIRA VEZ. PARA O ATOR RICHARD ARMITAGE, 41 ANOS E 1,80 M DE ALTURA, INTERPRETAR THORIN FOI UMA SURPRESA INESPERADA. “Quando fui chamado para o teste do papel de anão, fiquei tipo: ‘Tem certeza?’”, diz ele. “Pensei: ‘O que eu devo fazer? Será que devo me abaixar um pouco? Ou tentar parecer menor?’ Mas o que eles queriam eram caras fortes e em forma, porque os anões são como guerreiros nórdicos troncados. Ainda assim, é bem chocante quando você vê como eles o tornam pequeno digitalmente. ‘Não, não sou baixinho assim. Sou enorme!’ É assim que os anões devem se sentir também, uma vez que são criaturas pétreas e invencíveis.” Para Boyens, Armitage foi a escolha perfeita. “Ele preencheu todos os requisitos. Era capaz de interpretar a versão mais jovem de Thorin. Tem a estatura, o porte. Ele entende o personagem e procura por suas falhas. Não é o tipo de herói chato e nulo.”

De fato, Thorin é o personagem com mais defeitos e o mais complexo na história. E, considerando que um de seus papéis no teatro da escola foi justamente em *O Hobbit*, pode-se dizer que o Armitage criança ficaria bem orgulhoso de sua versão adulta: “Quando eu tinha 12 anos, provavelmente ia gostar mais de fazer o papel de um elfo do que o de um anão. Mas agora entendendo a cultura e a luta deles, acho que é uma raça fascinante de se interpretar. É uma raça secreta, oculta, proibida. Há um certo conflito dentro de cada anão – eles têm tanto a almejar porque tanta coisa foi tirada deles”.





REI GUERREIRO

“Os anões tem muito a
almejar,” diz Armitage,
“porque muita coisa foi
tirada deles”.





PETER JACKSON SENHOR — DA — TERRA- MÉDIA

Em 2004, pouco antes de receber o Oscar de Melhor Diretor por O Retorno do Rei, Peter Jackson jurou que jamais voltaria a fazer um filme de três horas de duração

POR GAVIN EDWARDS

REPORTAGEM PUBLICADA ORIGINALMENTE NA EDIÇÃO 943 DA RSEUA (MARÇO DE 2004)



O SENHOR DOS OSCARS
Jackson dirigindo *O Retorno
do Rei*. A trilogia épica
ganhou 17 Oscars.





EPOIS DE PASSAR SETE ANOS EXAUSTIVOS FAZENDO OS TRÊS MELHORES filmes de fantasia de todos os tempos, Peter Jackson tinha uma confissão a fazer: ele não gosta de magia. “Não tenho muito respeito por magos duelistas e raios que saem dos dedos”, ele diz. Isso quer dizer que há uma cena em *O Retorno do Rei*, a magistral conclusão da trilogia de *O Senhor dos Anéis*, para a qual ele não dá a mínima. Ele admite que ela está no livro de J.R.R. Tolkien: quando os Nazgûl estão atacando e o feiticeiro Gandalf cavalga e espanta todos eles com raios de luz saídos de seu cajado.

Ian McKellen, que interpreta Gandalf, passou um bom tempo pensando sobre essa mesma cena. Mais tarde, quando estavam filmando a batalha épica em Minas Tirith, onde Gandalf enfrenta um exército de orcs com sua espada, McKellen foi até Jackson: “Peter”, intimou, “por que diabos não estou fritando essas pessoas com meu cajado?”

Jackson sabia que McKellen não ia ficar satisfeito ao ser informado que era assim, “porque estava escrito no roteiro”. Por isso explicou: “Bem, Ian, é porque as baterias do seu cajado acabaram. A loja do alquimista de Minas Tirith está fechada por causa da batalha, e por isso você não conseguiu trocá-las”. McKellen ponderou a respeito, disse “Certo”, e voltou à cena. “A personalidade de Peter é tão forte”, conta McKellen. “Eu não o compararia a outros diretores. Eu o compararia a outros neozelandeses, como

Edmund Hillary, que treinaram em seu quintal para subir o Himalaia. É o modo kiwi de viver a vida: Peter fez estes filmes em seu quintal.”

Agora, esse quintal parece bem distante. Jackson está em Hollywood para celebrar *O Retorno do Rei*, filme com 11 indicações ao Oscar e favorito absoluto para ganhar a categoria Melhor Filme em 29 de fevereiro. Jackson, um peixe fora d’água, sempre aproveitou muito bem a distância de Hollywood: a mais de dez mil quilômetros de qualquer supervisão direta, em Wellington, Nova Zelândia, Jackson tem feito blockbusters com uma inteligência que muitos acreditavam já ter sido banida do ramo.

“Sou neozelandês, gosto de ficar em casa”, diz Jackson. E, uma vez que não está cercado pela indústria e tem muitos amigos que não são cineastas, “ninguém na Nova Zelândia faz exatamente o que eu faço”, diz. Ele pensa no cinema como um hobby, algo relaxante que permite que ele vá ao set de short e, muitas vezes, descalço.

Mas não hoje. O café da manhã é no Four Seasons Hotel, em Beverly Hills: toalhas de mesa douradas, sucos de laranja a US\$ 5,50 e o produtor Harvey Weinstein em reunião a uma mesa de distância. Jackson é,

de longe, a pessoa menos estilosa na sala, com seu tufo de cabelo preto, barba revolta, óculos gigantes e camisa azul de rúgbi que ele virá a usar a semana toda. Jackson tem 1,70 metro de altura e é encorpado, embora não saiba seu peso exato. “Não piso em uma balança há anos”, diz. Ele está de sapatos, como fez no Globo de Ouro em janeiro, o que pareceu espantar os repórteres. “Nunca deixei de usar sapatos em eventos formais”, ele retruca.

Jackson pede um prato de frutas e uma vitamina de manga. “Nunca consigo comer durante entrevistas”, ele diz. “O que não tem problema. Consigo lidar com essa coisa de não comer.” Mesmo depois de longas semanas fazendo eventos de imprensa, Jackson é genial. Antes de escalar o elenco, ele faz pesquisas de bastidores para saber se são pessoas legais. “Sei que não serei capaz de lidar com atores problemáticos. Simplesmente acredito em tentar tornar o processo de fazer um filme o mais agradável possível.”

Nascido no Halloween de 1961, Jackson foi criado em Pukerua Bay, uma cidade de cerca de 800 habitantes próxima a Wellington. À beira do jardim da família havia um penhasco bem íngreme, que descia alguns milhares de metros até o mar. “Havia uma porção de colinas e florestas e ravinas e cavernas”,

Quando criança, Jackson filmou um épico sobre a Segunda Guerra no jardim, chegando a encher uma trincheira com sacos de areia. “Minha infância é repleta de filmes superambiciosos e nunca realizados.”



SONHO DE HOLLYWOOD

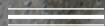
Jackson tem total consciência de que confiar *O Senhor dos Anéis* a um diretor neozelandês sem nenhum estouro de bilheteria no currículo foi, no mínimo, absurdamente hilário. “Sabíamos que era impossível”, ele diz. “O fato de ter dado certo não torna menos impossível.”





O DONO DO ANEL

“Quando você percebe que cada dia que passa fazendo o filme vai torná-lo melhor”, diz Jackson, “fica difícil tirar um dia de folga sequer.”



ele conta. “Era um ambiente tipo o do filme *Goonies*.” Ele passou a infância explorando, construindo aeromodelos e obcecado por filmes; descobriu que quando ateava fogo nos aviões de brinquedo, eles produziam rolos de fumaça muito cinematográficos. “Aos 7 anos, tentei fazer filmes usando uma câmera super-8”, diz. Ele filmou um épico sobre a Segunda Guerra no jardim, chegando a encher uma trincheira com sacos de areia. “Minha infância é repleta de filmes superambiciosos e nunca realizados”, conta.

Aos 17, se candidatou a um emprego em uma produtora, a Film Unit, mas foi recusado (anos mais tarde, com o dinheiro ganho com *O Senhor dos Anéis*, ele comprou a Film Unit). Tornou-se então aprendiz de fotografo em um jornal. Nos fins de semana, recrutava amigos para ajudá-lo a fazer *Trash – Náusea Total*, um filme de terror sobre alienígenas que pretendem usar pele humana em franquias de fast-food. O período total de filmagens de quatro semanas demorou quatro anos, durante os quais Peter usou o fogão da família para cozinhar as máscaras de borracha do longa. O elenco principal, incluindo um magrelo e barbeado Jackson, era todo masculino. Como ele mesmo diz, “Eu não conhecia nenhum garoto na época. Eu era um nerd. Ainda sou”.

Mas uma garota empolgada apareceu mesmo assim: Fran Walsh tinha ouvido falar que Peter precisava de ajuda com o roteiro. Na verdade, o diálogo era improvisado, mas o diretor tinha um cenário que precisava ser pintado. “Ela não era uma boa pintora”, diz Jackson, “mas entendia de roteiro”.

“Na verdade, eu fiz um belo trabalho na pintura do set”, explica Walsh, que coescreveu todos os filmes de Jackson desde então. O casal tem hoje dois filhos, Billy, 8, e Katie, 7.

Lançado em 1988, *Trash – Náusea Total* virou cult. Jackson seguiu a carreira com *Meet the Feebles*, uma versão profana dos Muppets, e *Fome Animal*, um filme de horror ainda mais nojento, que mostrava zumbis sendo desmembrados por um cortador de grama. Em 1994, surpreendeu a todos com o extraordinário *Almas Gêmeas*, baseado na história real de duas garotas neozelandesas que formaram uma intensa amizade e acabaram matando um de seus pais. Depois veio o documentário satírico *Forgotten Silver* e um filme de fantasmas com Michael J. Fox, *Os Espíritos*. A produção dos dois trabalhos encavalou, e ele jurou que jamais voltaria a fazer dois filmes ao mesmo tempo. “No fim, acabou sendo um bom treino”, diz, sorrindo.

Jackson não consegue evitar de rir diante de tudo o que a trilogia *O Senhor dos Anéis* alcançou, incluindo a renda de mais de US\$ 1 bilhão. Ele tem total consciência de que confiar uma propriedade como essa a um diretor neozelandês sem nenhum estouro de bilheteria no currículo foi, no mínimo, absurdamente hilário. “Sabíamos que era impossível”, Jackson diz. “O fato de ter dado certo não torna menos impossível.”

A pós-produção de *O Senhor dos Anéis* foi epicamente exaustiva: para cada filme, havia um momento terrível, quando ele assistia à primeira edição crua, sem os efeitos visuais. “E aquela vozinha na sua cabeça diz: ‘Oh, acho que você acabou de fazer um filme horrível’.” Por cada um destes três anos, Jackson diz modestamente, ele começou com um filme “terrível” e terminou com um filme “ok” na data de lançamento. “Quando você percebe que cada dia que passa fazendo o filme vai torná-lo melhor”, diz, “fica difícil tirar um dia de folga sequer.”

Enquanto fazia *O Senhor dos Anéis*, Jackson jurou que seu próximo filme seria pequeno. Os fãs estão clamando para que ele dirija *O Hobbit*, prelúdio da trilogia. Jackson diz que apesar de interessado, os direitos da obra estão travados, e ninguém jamais conversou com ele a respeito.

Então a Universal fez uma proposta irrecusável: reviver o remake que Jackson queria fazer de *King Kong*, e que a companhia cancelou em 1997. Jackson diz: “Quero fazer *King Kong* desde que tinha 9 anos de idade. Eu tinha um modelo de papelão do Empire State Building e um *King Kong* de borracha meio decomposto que fiz quando tinha 9 ou 10. Mas há uma outra decisão nisto: Kong terá que ter menos de duas horas. Não quero fazer outro filme de três horas de duração nunca mais na minha vida”. ☺



TUDO EM FAMÍLIA
Para *O Hobbit*, Peter Jackson convenceu Elijah Wood a voltar ao papel do sobrinho de Bilbo, Frodo.

UMA CONVERSA
COM PETER JACKSON

O RETORNO DO REI



POR SEAN WOODS



AZ QUASE UMA DÉCADA DESDE QUE PETER JACKSON COMPLETOU *O Senhor dos Anéis*, trilogia que arrecadou US\$ 3 bilhões e com a qual o diretor arrematou pencas de Oscars e, no processo, tornou-se uma das mais raras figuras de Hollywood: o forasteiro que consegue cavar seu lugar no reino dos blockbusters. Desde então, Jackson, agora com 51 anos, dirigiu apenas dois filmes, *King Kong* (2005) e *Um Olhar do Paraíso* (2009), mas esteve envolvido em alguns outros, produzindo *Distrito 9*, um dos melhores thrillers de ficção científica dos últimos tempos, e a adaptação de *As Aventuras*

de *Tintin*, dirigida por Steven Spielberg no ano passado. Agora, depois de anos de problemas legais, uma falência de estúdio, uma mudança de diretor e entraves infinitos, ele está dando os toques finais em sua esperada versão de *O Hobbit*, prelúdio de *O Senhor dos Anéis*. Enquanto terminava a edição do filme, Jackson sentou-se para falar da produção, de como um livro curto para crianças pôde se tornar um épico dividido em três filmes e por que já teve medo de fazer *O Hobbit*.

Em 2004 você disse à Rolling Stone que nunca mais iria fazer um filme de três horas de duração. O que houve?

Não sei [risos]. Na época eu estava fazendo a divulgação de *O Retorno do Rei*, todo



O DESAFIO

“O *Hobbit* parecia desencorajador”, diz Peter Jackson. “Dirigi-lo foi uma decisão que o destino jogou sobre os meus ombros.”

mundo me perguntava se um dia eu faria *O Hobbit*, que sempre me pareceu um livro mais difícil de adaptar. *O Hobbit* tem um certo tom – é uma história para crianças – enquanto *O Senhor dos Anéis* é mais adulto. Assim, enquanto *O Hobbit* poderia ter sido feito como uma história infantil se tivesse sido o primeiro filme, depois de *O Senhor dos Anéis*, eu não conseguia ver como conciliar o clima dos dois livros. Também me senti intimidado pela enormidade da operação, com Bilbo e os anões, além de Gandalf, saindo juntos em uma aventura. A Sociedade do Anel tinha nove pessoas, e parecia o limite. *O Hobbit* simplesmente parecia difícil e desencorajador. Acho que é aquela velha história de nunca dizer nunca [risos]. Certamente aprendi isso agora.

Parece que você decidiu seguir com o mesmo tom de O Senhor dos Anéis e se afastar do elemento infantil. O quão difícil foi tomar essa decisão?

Não foi algo muito consciente. Eu só não quis ser um diretor diferente. Fomos só eu, Philippa [Boyens] e Fran [Walsh, esposa de Jackson] sentindo o clima enquanto produzíamos.

Eu não queria dizer de repente: “Ok, não sou mais o diretor que fez *O Senhor dos Anéis*, sou o diretor que agora vai fazer uma história infantil para crianças pequenas”. Eu não queria mudar meu estilo ou sensibilidade ou o que acho que funciona. Assim, segui em frente como o mesmo cineasta de sempre, mas lidando com uma história diferente.

De onde você acha que vem o longo apelo de O Hobbit como história?

O livro foi escrito com estilo delicioso. Tolkien começou *O Hobbit* como uma história para seus próprios filhos. Tem mesmo esse ar de um pai carinhosamente sentado com suas crianças e contando a elas essa grande, incrível aventura. É escrita de um jeito peculiar, caprichoso. Tem comédia e humor e emoção e tensão suficientes para manter a garotada entretida. Não acho que seu apelo seja algo muito mais complicado do que o simples fato de se tratar de uma grande historinha. Mas certamente não foi escrita como tratamento para um filme. A estrutura básica é uma série de eventos que acontecem no percorrer do caminho, um atrás do outro, conforme Bilbo e seus amigos seguem para a Montanha Sombria. A história é, na verdade,

todo um preparativo para o confronto com o dragão, e mesmo depois que o dragão faz sua aparição derradeira a história ainda tem um ato final com a Batalha dos Cinco Exércitos. Enquanto adaptávamos o roteiro, tivemos de lidar com todas essas coisas que descrevi.

Bilbo é o clássico cavalheiro inglês do interior, e é também, basicamente, um boa-vida. Mas ele se transforma no decorrer da história. Isso ressoou de alguma forma em você?

Certamente consigo me identificar com Bilbo. É uma coisa muito inglesa. E é uma coisa muito inglesa da época pré-Segunda Guerra. Os hobbits refletem muito essa noção inglesa de que o mundo vai até a fronteira do condado, e qualquer coisa além dali deve ser tratada com suspeita. Qualquer um do mundo exterior é uma ameaça em potencial; esse pensamento bem inglês era obviamente parte da cultura de Tolkien. Ele nasceu na Era Vitoriana, antes das viagens aéreas e da possibilidade de conhecer o mundo.

Mas Bilbo cresce muito em suas viagens pelo mundo a fora...

É, esse é um dos temas do livro, e é um tema que também se estende a *O Senhor dos Anéis*: uma vez que você põe o pé para fora de seu porto seguro, encontrará perigos extremos e aventura, e quando voltar para casa nunca mais será o mesmo. No caso de Bilbo, ele é excêntrico no começo e volta ainda mais excêntrico. Em *O Senhor dos Anéis*, Frodo parte e, quando volta, está marcado pelo que passou. Há um elemento das experiências de Tolkien na Primeira Guerra – em que você tinha uma geração inteira de jovens ingleses que não chegaram sequer a ver o mundo, indo lutar na França. E eles voltaram muito diferentes do que eram. Isso está nestas histórias também.

Apesar de alguns elementos trágicos, há muito mais humor em O Hobbit do que em O Senhor dos Anéis.

Os personagens anões são muito mais cômicos. Eles são muito mais irreverentes que qualquer um em *O Senhor dos Anéis*. É deles que vem esse ar de conto de fadas e a excentricidade que há em *O Hobbit*. Com sorte, as pessoas se sentirão voltando à Terra-média que deixaram em 2004, mas verão que esta história em particular não é sobre a salvação do mundo

“Seria comercialismo deslavado se o estúdio tivesse vindo até nós e dito: ‘Por que não transformamos isso em três filmes só porque podemos’. Mas eles não fizeram isso. Nós fomos até eles.”

inteiro. É sobre um grupo de anões tentando retomar a terra natal deles.

Depois de O Senhor dos Aneis você parecia hesitante em fazer O Hobbit. O que o fez mudar de ideia?

Tive de tomar uma decisão porque Guillermo del Toro, que esteve no filme por 18 meses, acabou o deixando uma vez que não conseguíamos a luz verde para prosseguir. A MGM, que era a coproprietária dos direitos, estava passando por problemas financeiros, e isso durou um bom tempo. Como produtor do filme, eu tinha de decidir se ia procurar outro diretor ou assumir o posto. Foi uma decisão que o destino jogou sobre os meus ombros. Não fui eu que procurei ou quis. Apenas pensei: “Bem, quer saber? Gostei de desenvolver o roteiro. Gostei dos 18 meses que trabalhei neste filme como produtor, então acho que pode ser divertido”.

Sem arrependimento?

Nenhum. Sem arrependimentos – agora. O surpreendente foi o quanto gostei. Me diverti de verdade com este filme. Havia um pouco de medo envolvido por eu estar voltando àquilo. Mas foi muito divertido de filmar.

O Hobbit é um livro bem fino. Por que decidiu dividi-lo em três filmes?

O Hobbit é quase como uma ilusão de ótica. Você olha para o livro, e é de fato um livro curto, e você poderia fazer um filme curto sobre ele também. O que quero dizer com isso é que você poderia correr com a história na mesma velocidade que Tolkien corre – se você estudar de verdade O Hobbit, ficará surpreso como algumas das cenas mais memoráveis são curtas. Elas foram escritas com um estilo muito energético, sem parar para respirar, sem pausa para diálogos e personagens, e acabam sendo muito rápidas. Não é o tipo de filme que iríamos querer fazer, do tipo que passa depressa de uma cena de ação para a outra com um pouquinho de comédia no meio.

Então vocês vão mudar a história?

Queremos fazer um filme que conte uma história que tenha um pouco mais de profundidade do que o que Tolkien buscava quando escreveu o livro. Fiquei surpreso quando reli, porque me lembrava de uma sequência enorme na Cidade do Lago, mas no livro são só duas páginas. Em um filme, se você filmar o roteiro nesse ritmo, não terá espaço algum para o desenvolvimento dos personagens. Por isso estou dizendo que é um livro que engana. Não fomos tolerantes no modo como fizemos estes filmes. Simplesmente usamos a narrativa que Tolkien nos deu. Escrevemos com um ritmo bem rápido, mas, uma vez que você desenvolve as cenas do livro como cenas de filme, elas tendem a tomar certo tempo.

Mas há muita coisa que não estava no livro também, certo?

Sim, também não nos prendemos só ao que foi escrito em O Hobbit. Compramos os direitos de adaptação dos apêndices de O Retorno do Rei, cerca de 125 páginas de material. Ali, Tolkien estava escrevendo sobre o que acontecia fora das páginas de O Hobbit, na Terra-média, exatamente ao mesmo tempo em que as coisas do livro se desdobravam. Por isso estamos fazendo uma versão tamanho família, com todo esse material extra.

Houve críticas dizendo que transformar este livro infantil em um épico de três filmes era um exemplo de comercialismo deslavado. Como você responde a isso?

Não. Veja, seria comercialismo deslavado se o estúdio tivesse vindo até nós – os cineastas – e dito: “Por que não transformamos isso em três filmes só porque podemos? E aí fazemos o marketing, vendemos os três filmes, blá-blá-blá”. Mas eles não fizeram isso. Nós fomos até eles. Sentimos que tínhamos uma história que queríamos contar. Tínhamos personagens que queríamos desenvolver. Queríamos usar todo esse material fantástico dos apêndices que, de outro modo, não seríamos capazes de usar por causa da estrutura dos dois filmes e seu tempo de exibição. Por isso chegamos ao estúdio e oferecemos a ideia, explicando



CASAL PERFEITO
Jackson com a esposa, Fran Walsh. “Das pessoas que conheci na vida, é a única com quem me sinto seguro”, ele diz.









“Tolkien começou O Hobbit como uma história para seus próprios filhos. Tem mesmo esse ar de um pai carinhosamente sentado com suas crianças, contando a elas essa grande, incrível aventura.”



ines249



MAGIA AVANÇADA

Jackson
dirige Hugo
Weaving,
como o senhor
élfico Elrond
(esquerda), e
Ian McKellen.

por que fazia sentido fazê-lo em forma de trilogia. Certamente não foi uma decisão comercial – foi uma escolha criativa, que partiu de nós.

Você consideraria a possibilidade de filmar outra saga da Terra-média, O Silmarillion?

Um dia eu disse: “Não, nunca faria *O Hobbit*”. Então fico meio relutante em dizer qualquer coisa. Mas veja: *O Silmarillion* provavelmente não vai acontecer tão cedo. Os herdeiros de Tolkien ainda detêm os direitos. Tolkien vendeu os direitos cinematográficos de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* no fim dos anos 60, mas *O Silmarillion* não estava no negócio na época. Não acho que os herdeiros de Tolkien tenham qualquer intenção de vender os direitos desse livro em particular.

Dada a história louca de produção deste filme – o estúdio quebrou, houve disputas sindicais na Nova Zelândia, Del Toro deixou o cargo de diretor – você chegou a pensar que ele não aconteceria?

É uma pergunta interessante. A resposta provavelmente é não. É um título grande demais de uma propriedade grande demais. Iria acontecer comigo ou sem mim.

Como você vai lidar com o anel neste filme? Em O Hobbit, ele é mágico e muito legal, mas em O Senhor dos Anéis é a personificação do mal puro.

O tratamos exatamente como Tolkien o tratou. O anel funciona como um vício – no começo não é tão ruim, mas conforme os anos vão passando, fica cada vez pior. Este é o começo da posse de Bilbo, por isso não queremos pegar muito pesado muito rápido. Já fizemos três filmes mostrando o quão maligno o anel se torna, e não precisamos disso nesta história. Só precisamos mostrar como Bilbo o encontra.

O que você acha da visão de mundo de Tolkien? Os livros dele têm um palpável tema de nostalgia – a sensação de que o passado sempre é melhor.

É difícil falar em nome de alguém que já morreu, mas tenho a impressão de que ele era um vitoriano. Claramente tinha um amor incrível pelo interior da Inglaterra. A coisa mais proeminente nos livros são as descrições da terra: as plantas, as flores, o clima e as árvores. Claramente ele adorava o mundo natural de forma absoluta. Certa vez ele disse que o motor de combustão interna era o maior mal que já havia sido trazido ao mundo. É daí que vem o sentimento de nostalgia. Ele literalmente viu a mudança do interior inglês quando a indústria começou a chegar, as fábricas foram construídas e as chaminés passaram a cuspir fumaça para o céu. A qualidade pastoral que ele amava foi erodida por motores e máquinas. Acho que é isso que ele lamentava.

Nos anos 60, isso era parte do apelo dos livros. Esse aspecto o atraiu também?

Hum, não, só gosto das histórias [risos]. Não li por conta de nenhum tema ou mensagem em particular. Certamente está lá. Outra coisa a respeito de Tolkien é que ele era professor em Oxford. Ele amava mitologia e línguas e como as histórias evoluíam. Sempre lamentou o fato de a mitologia inglesa ter sido erradicada por causa da invasão dos normandos em 1066 e as histórias todas esquecidas. Enquanto os gregos e os escandinavos tinham sua mitologia antiga, a da Inglaterra praticamente não existia mais. A mitologia inglesa remete a tempos muito mais recentes – as histórias de Robin Hood e do Rei Arthur. Por isso Tolkien parece ter passado a vida inteira tentando criar uma mitologia para ele mesmo, tentando substituir a que havia sido perdida.

Fazer blockbusters parece desgastante. É tão exaustivo quanto parece?

Sim [risos]. Você sabe, há oportunidades criativas o dia todo, mas por causa do cronograma, você tem de abrir mão de algo. Por isso é exaustivo, e há a pressão contínua de tentar de algum jeito evitar que a criatividade seja soterrada pelo estresse.

E você ainda gosta?

Filmar não é minha parte favorita do processo. Amo escrever o roteiro e amo a pós-produção, que é o que estou fazendo agora. É ótimo, porque você começa a montar o filme de verdade, finalmente. A filmagem é a parte mais estressante do processo. Um filme tem três formas distintas. Quando você está escrevendo o roteiro e não tem de se preocupar com a logística – há muita liberdade. Depois desse processo você tem uma ideia do filme na sua cabeça. Então, depois de passar meses escrevendo, se torna outra coisa, porque nunca funciona exatamente como você tinha em mente. Por sorte, muitas vezes é melhor. O terceiro estágio é a pós-produção, quando você senta lá e corta tudo e começa a determinar o ritmo. Você tem todas aquelas escolhas a fazer, que estão constantemente moldando o filme, e determinando como as pessoas reagirão a ele. Assim o filme, no fim do processo de edição, toma uma forma própria.

Você gosta de produzir tanto quanto de dirigir?

Na verdade, não estou produzindo em período integral. Fiz *Dis-trito 9* com Neil Blomkamp porque Neil é um grande cineasta e eu queria ajudá-lo. Mas depois disso não sai por aí procurando nenhum outro jovem cineasta para ajudar. Não tenho uma dessas produtoras em que você está sempre produzindo algo. Fiz *Tintin* com Steven Spielberg porque ele e eu estávamos trabalhando nisso há muitos anos, e foi muito legal. Mas vejo outros cineastas que têm suas produtoras, desenvolvem roteiros e fazem vários filmes de uma vez. Sou mais o tipo de cara que faz um filme de cada vez.

Vai produzir mais filmes do Tintin?

Sim. É o que vou fazer em seguida, mas antes temos de terminar *O Hobbit*.

Mas agora, com o estilo de animação de computador usado em Tintin, você pode atualizar o que escreveu em um roteiro e colocar no filme exatamente como o imaginou, certo?

Sim, bem, certamente você não tem as logísticas de filmagem para lidar, por isso há um grau de liberdade maior quando se trata de filmes animados em CGI. Há todos esses ângulos complicados de câmera e imagens que seriam muito difíceis de fazer em um filme com atores reais, mas possíveis em CGI. Por isso filmes assim são tão divertidos, porque o grau de liberdade que você tem não é comum.

Com todos os avanços tecnológicos, que você obviamente adora, já se preocupou que um dia talvez a emoção humana ou a narrativa sejam deixadas de lado nos filmes?

Não, não, não, não, não. Veja, no fim das contas, todos que entram no cinema para ver um filme são seres humanos, e sempre seremos entretidos e tocados pela humanidade e pelas coisas que reconhecemos em nossa vida. Por isso, enquanto vez ou outra nos damos por contentes por assistir um filme-pipoca espetacular – algo que pode, sem dúvida fazer parte do cardápio – isso nunca vai ser o único tipo de coisa sendo feita. Somos humanos e sempre iremos querer histórias. Vamos sempre ansiar por coisas que nos afetam emocionalmente.

Do que se trata essa mudança nos quadros por segundo? Parece que houve certa contravérsia na Comic-Con a esse respeito.

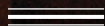
Vou fazer um resumo rápido: tomamos a decisão e o estúdio concordou em nos deixar filmar

“Certa vez Tolkien disse que o motor de combustão interna era o maior mal que já havia sido trazido ao mundo. Ele viu a mudança do interior inglês quando a indústria começou a chegar.”



SENHOR DO CONDADO

“Faço filmes para mim mesmo. Não sou uma pessoa que tem muito interesse no que o mundo quer ver.”



O *Hobbit* em 48 quadros por segundo, que é o dobro do que se usa nos filmes normalmente exibidos no cinema. Essa proporção maior de quadros dá a ilusão de mundo real. Uma sensação de vida. É imersiva. Parece fantástica. É mais nítida. Limpa. Tem algo de sedutor. Nos deixa livres dos projetores mecânicos. Nos livra de verdade de tudo o que restringiu essa razão de quadros por segundo nos últimos 80 ou 90 anos de cinema. Também vamos lançar uma versão com 24 quadros. E, você sabe, imagino que 80% das salas exibirão a versão em 24 e só 20% irão introduzir o conceito novo e ver como o público reage.

Você acha que o público da Comic-Con se assustou por ser muito realista?

Não, não, não. Vai ser legal. Quando você o assistir, seu pensamento logo de cara vai ser: “Uau, é diferente”. E é preciso um tempo para se acostumar. Algumas pessoas são tradicionalistas e acham que o diferente é errado. Os 48 quadros tiram aquela piscada e o cansaço dos olhos no caso do 3D. Você sai de uma experiência 3D de duas horas e meia e diz: “Isso foi legal”. Sempre tive fé em mim mesmo. Você sabe, não é uma decisão tomada com base no que o público quer. Não há outra motivação além do fato de eu achar que é muito legal. E se acho que é legal, há boas chances de que, de repente, outras pessoas também achem. Sempre gostei de apostar em mim mesmo.

É interessante você dizer isso, porque você fez mesmo essa aposta. Sua trajetória como diretor foi atípica. Você largou os estudos ainda muito jovem e foi trabalhar em um jornal. É esse o caminho que você recomenda para os outros?

Sempre tive a filosofia que se você quer muito ser um cineasta, não há nada que o impeça de pegar uma câmera e fazer filmes. Na minha época era a super-8, hoje você pode usar um iPhone. Nunca tive muita vontade de frequentar uma escola de cinema. Obviamente, cada um é cada um, mas vejo muitos garotos que vêm falar comigo querendo ser aprendizes e gente dizendo: “Quero muito fazer filmes. Quero dirigir. Posso vir fazer chá para você? Posso vir fazer isso ou aquilo?”. E eu digo: “Bem, por que você iria querer fazer chá para mim? Você deveria é pegar uma câmera e fazer um filme”. É uma coisa quase darwiniana. A indústria não é tão grande. Ela filtra muita gente – só os mais fortes sobrevivem. Se você quer mesmo fazer filmes, ser um dos sortudos que se tornam cineastas de verdade, no fim das contas, você só precisa mostrar o quão determinado você é. Tem de mostrar o quão focado você é. Mostrar que não vai esperar nada de graça. Tem de pegar uma câmera e filmar. E, se você tiver talento e visão, então o que você filmou será interessante e será visto por alguém. Você vai lutar pela sua carreira e vai conseguir, mas tem de ser uma luta. Se você não quiser brigar, melhor nem começar a pensar em entrar nessa.

O que mantém você motivado a essa altura? O que te leva a lutar hoje?

Eu simplesmente me empenho com histórias. Faço filmes para mim mesmo. Não sou uma pessoa que tem muito interesse no que o mundo que ver. O filme que imagino na minha cabeça de repente se transforma em um filme que quero desesperadamente ver. Sendo assim, começo o processo tentando fazê-lo para que eu possa assisti-lo. Sei que soa simplista, mas é o centro de tudo. É a grande verdade.

Que gêneros você tem vontade de explorar e ainda não conseguiu?

Gostaria de fazer um filme de guerra, um filme histórico de guerra de algum tipo. Sempre tive interesse na Primeira Guerra, em especial. Certamente gostaria de fazer filmes menores, mas sempre digo isso. Sabe, eles são mais difíceis de fazer. Você não tem os recursos, mas eu gostaria de fazer algo em que eu pudesse ser um pouco mais louco e excêntrico, sem as responsabilidades que você tem quando está lidando com um orçamento enorme.

Como é trabalhar tão próximo de sua esposa? Se eu trabalhasse com a minha, ela me mataria.

Ela é provavelmente a única pessoa em quem eu realmente confio sem ressalva alguma. Fran faz uma quantidade enorme de trabalho que eu seria incapaz de fazer. Há muita decisão de figurino que ela toma. Está envolvida em decisões relacionadas à atuação. É produtora do filme, além de roteirista. É minha parceira em uma porção de aspectos. Confio totalmente em seus instintos. Tudo o que ela escolhe e decide é exatamente a mesma coisa que eu faria. Das pessoas que conheci na vida, é a única com quem me sinto seguro. 🍷

“Se você quer muito ser um cineasta, não há nada que o impeça de pegar uma câmera e fazer filmes. É uma coisa darwiniana – só os mais fortes sobrevivem.”



PEREGRINO
CINZENTO

“Gandalf não era uma
figura icônica na minha
cabeça”, diz Ian McKellen.
“Se fosse, não sei se teria
aceitado o papel.”



O MAGO ANDARILHO

*O grande Ian McKellen retorna como o mais sábio,
rabugento e adorável feiticeiro da Terra-média*



POR SEAN WOODS



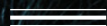
IR IAN MCKELLEN TEM UM GANDALF FAVORITO, E COM CERTEZA NÃO É O CARA DE BRANCO no fim de *O Retorno do Rei*. “Gandalf, o Cinzento, sem dúvida! Nós o chamávamos de Gandy, sem confundir com Gandhi. Achávamos Gandalf, o Branco meio chato. Ele era um comandante militar; tinha de salvar a Terra-média. Gandalf, o Cinzento, também estava tentando fazer isso, mas ainda tinha tempo de festejar com os hobbits, fumar sabe-se Deus que tipo de erva com Bilbo, tomar umas, brincar com os garotos e soltar fogos. E veremos um pouco disso em *O Hobbit*.”

É Gandalf quem serve de estopim para a história de *O Hobbit* – trazendo os anões até Bilbo, ajudando-os na jornada e desencadeando também os eventos que levarão à Guerra do Anel. Ainda assim, interpretar o feiticeiro mais icônico de todos os tempos (calma, fãs de *Harry Potter*) mais uma vez gerou algumas ideias interessantes na mente do ator sobre o personagem: “Me incomoda que ninguém tome banho na Terra-média. Eu queria que houvesse uma cena em que víssemos Gandalf, o Cinzento se lavando. Acho que ia ser engraçado se ele se despisse da cintura para cima e descobríssemos que, do pescoço para baixo, ele é todo coberto por tatuagens de runas antigas. Você consegue imaginar Gandalf em algum festival de rock, não consegue?” McKellen também se preocupa com a vida pessoal de Gandalf. “Acho que ele é muito solitário. Ele tem 7 mil anos de idade, e todos os amigos dele estão mortos. Por isso ele tem de ficar arrumando novas amizades. Mas ele tem algo a fazer. Ele tem um propósito, e é por isso que está na estrada, entende?”





GUERREIRO
E FEITICEIRO
Em *O Hobbit*,
Gandalf, o
Cinzento,
desencadeia a
sequência de
eventos que levará
à Guerra do Anel.



A ESTRADA EM FRENTE VAI SEGUINDO



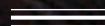
*Bem longe da segurança do Condado, Bilbo
enfrenta perigos, magia e as emoções de uma
jornada através da Terra-média*

ines249

WARNER BROS. PICTURES



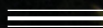
EM VALFENDA
A primeira parada na
jornada rumo à Montanha
Solitária é a casa do
senhor élfico Elrond.





NO ERMO

(No sentido horário, a partir do alto à esquerda) Na estrada para Valfenda, Bilbo e os anões quase são devorados por trolls. Mais tarde, encontram orcs terríveis nas montanhas, procuram a sabedoria do senhor élfico Elrond e lutam contra monstros pela estrada. Gandalf e a rainha élfica Galadriel refletem, em busca das raízes do poder maléfico que retorna à Terra-média.





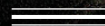
Os anões cantam sobre a jornada:
“Para além das montanhas nebulosas, frias /
Adentrando cavernas, calabouços cravados
/ Devemos partir antes de o sol surgir / Em
busca do pálido ouro encantado.”





PASSAGEM ESCURA

Ao tentar cruzar as Montanhas Sombrias, Bilbo e os anões encaram terríveis perigos – gigantes, orcs e uma sorrateira criatura assassina que atende pelo nome de Gollum.



ADIVINHAS NO ESCURO

Em uma caverna profunda sob as Montanhas Sombrias, Bilbo encontra Gollum, e a história da Terra-média é alterada para sempre



POR SEAN WOODS



O COVIL DE GOLLUM

A criatura assassina um dia conhecida como Sméagol se escondeu há séculos no coração das Montanhas Sombrias.





P

ARECE PERFEITO QUE A PRIMEIRA CENA FILMADA POR PETER JACKSON EM *O Hobbit* tenha sido a do inesquecível encontro entre Bilbo e Gollum, em que os dois travam uma disputa de charadas – um jogo de vida ou morte. Para o ator Andy Serkis, que reprisa seu papel icônico, era o lugar perfeito para começar. “Era um ponto bom para mergulhar de volta no personagem”, conta Serkis, “mas foi estranho para mim, porque Gollum foi absorvido pelo público. Vi tantas imitações de Gollum, que fiquei tentando

evitar que parecesse que eu estava fazendo a imitação de uma imitação”.

Este é um Gollum muito diferente do encontrado em *O Senhor dos Anéis*, uma criatura carnibal e demente que viveu na escuridão por séculos. “Tive que esquecer tudo de *O Senhor dos Anéis*”, diz Serkis. “Gollum é 60 anos mais jovem – meros 540 na época de *O Hobbit*. Esteve sozinho, nas profundezas das montanhas, elouquecendo lentamente por meio milênio, atormentado pelo anel, a coisa que ele mais ama no mundo. Duas coisas muito importantes acontecem a Gollum em *O Hobbit*: primeira, ele perde o anel, seu precioso; e segunda, Bilbo o poupa.”

Desde *O Senhor dos Anéis*, Serkis interpretou dois outros grandes monstros no cinema: o gorila gigante de *King Kong* (2005) e Caesar em *Planeta dos Macacos: A Origem* (2011). Ele diz que o segredo é abordar essas criaturas como ele faria com qualquer outro papel. “As pessoas dizem: ‘Oh, você fez a voz do Gollum’. Não é verdade – eu fiz o personagem. Por exemplo, a voz de Gollum veio da descoberta de que sua dor vem da garganta. Ele se chama Gollum por causa do barulho que faz – como um gato tossindo uma bola de pelo. Sua sensação de culpa é colocada para fora em uma ação involuntária que percorre seu corpo e força esse som.”

Depois do término da filmagem de suas cenas como Gollum, Serkis trabalhou como diretor de segunda unidade em *O Hobbit*, mas é como a infeliz criatura amaldiçoada que o público irá se lembrar dele no filme. “Gollum é viciado no anel”, diz Serkis. “Ele anseia e precisa dele. É um personagem tão cheio de falhas, mas é por isso que ninguém quer odiá-lo, e que todo mundo acaba achando um jeito de sentir pena dele – mesmo Gollum sendo desprezível.” 12



ENCARANDO A CRIATURA

Martin Freeman atuando
com Andy Serkis vestido
em seu traje de captura de
movimentos (*na página ao
lado*) e transformado em
Gollum (*abaixo*).





À ESPREITA

Se Bilbo vencer a disputa
de charadas, Gollum o
conduzirá até a saída
das montanhas. Se
ele perder, Gollum irá
“comê-lo inteiro”.





“Gollum é viciado no anel”, diz Andy Serkis. “Ele anseia e precisa dele. É um personagem tão cheio de falhas, mas é por isso que ninguém quer odiá-lo, e que todo mundo acaba achando um jeito de sentir pena dele — mesmo ele sendo desprezível.”

ELFOS SUPERIORES E PORTADORES DO ANEL

*Três rostos familiares de O Senhor dos Anéis
retornam à Terra-média pela última vez*



• GALADRIEL •



UITOS FÃS FICARAM SURPRESOS QUANDO VIRAM A VENCEDORA DO OSCAR Cate Blanchett no elenco de *O Hobbit*. A personagem dela, a rainha élfica Galadriel, não aparece no livro, mas é uma das figuras mais importantes e poderosas da Terra-Média. Para os fanáticos por Tolkien, a aparição era a promessa de parte da expansão do conteúdo de *O Hobbit* prometida pelos responsáveis pelo filme – especificamente, neste caso, o Conselho Branco, uma reunião dos mais poderosos feiticeiros e elfos para se opor à força maligna que se ergue sob as sombras da Floresta das Trevas, e que terá duras consequências em *O Senhor dos Aneis*. “Galadriel, como Gandalf, conhece a fragilidade da mora-

lidade humana”, diz Cate. “Ela teme que isso leve ao crescimento das forças malignas e quer que o Conselho Branco chegue à mesma conclusão. Ela, naturalmente, teme pela segurança de Gandalf, já que sabe que ele será compelido a agir frente a esse perigo.”

Cate Blanchett descreve seu retorno à Terra-média como um alegre reencontro. “Foi como voltar para casa”, ela diz. “Tanta coisa mudou para todos nós, pessoalmente e profissionalmente, mas o fato de o clima ter sido ao mesmo tempo tão leve, comprometido, arriscado e despretenso quanto da primeira vez, serve como um atestado da integridade inabalável e do talento de Peter, Fran, Philippa e de toda a equipe. Os atores estão todos dez anos mais velhos, mas também mais sábios – e a sabedoria é uma grande amiga quando se trata de lidar com Tolkien.”



A SENHORA DE
LOTHLÓRIEN

Uma das últimas sobreviventes
da raça dos Elfos Superiores
do Oeste, Galadriel é uma
chama de esperança frente à
escuridão que se avizinha.

• FRODO •

F

AZ QUASE UMA DÉCADA QUE ELIJAH WOOD DEIXOU A TERRA-MÉDIA, MAS ele ainda se sente em casa no mundo que Peter Jackson criou. “Parecia que eu estava voltando no tempo”, diz o ator sobre a volta ao papel do protegido de Bilbo, Frodo Bolseiro. Wood, 31, não esperava ter a chance de se envolver em *O Hobbit*, por isso aproveitou a oportunidade. “Frodo não é nem nascido na época de *O Hobbit*, por isso achei que não teria chance de voltar ao papel. Só tive três dias de filmagem, mas passei um mês por lá, reencontrando as pessoas com quem trabalhei em *O Senhor dos Anéis* e assistindo ao elenco novo passar pela experiência que passamos.”

Mesmo com os poucos dias que passou no set, Wood percebeu o mesmo companheirismo entre equipe e atores que sentiu quando trabalhou na primeira trilogia. “Peter ainda é o mesmo cara – o mesmo visionário verdadeiro –, mas o que me chamou a atenção desta vez é que ele parecia mais relaxado, mais à vontade. E o filme pareceu maior que *O Senhor dos Anéis*.” Mesmo com a aparição de Frodo sendo algo que não aparece no livro, Wood não acredita que os fãs mais ferrenhos de Tolkien ficarão bravos. “Acho que a minha participação é levemente menos polêmica porque é um flash-forward para a época de *O Senhor dos Anéis*. É um trecho com Bilbo e Frodo, uma espécie de moldura para a história. *O Hobbit* é, na verdade, uma história escrita por Bilbo, por isso a cena funciona como um fio condutor.”

MEREDITH CLARK



O HERDEIRO

O protegido de Bilbo, Frodo, herdará não só a riqueza, mas também um grande fardo: o anel e o destino de toda a Terra-média.



O SENHOR DE VALFENDA

Elrond batalha há muito tempo contra as forças malignas da Terra-média; o lar dele, Valfenda, é o último refúgio para Bilbo e seus companheiros antes dos perigos das Montanhas Sombrias.



• ELROND •

“E

U ACHO QUE NINGUÉM CONSEGUE DEIXAR A TERRA-MÉDIA”, DIZ Hugo Weaving, que volta ao papel do sábio senhor élfico Elrond em *O Hobbit*. “Você está fadado a retornar para o resto da sua vida.” Esse destino parece especialmente verdadeiro para o ator nascido na Nigéria. “Quando deixei a Nova Zelândia depois de *O Senhor dos Anéis*, eu disse a Peter: ‘Nos vemos quando você fizer *O Hobbit*’. E ele disse: ‘Não vou fazer *O Hobbit*’. E então, vejam só, ele acabou dirigindo os filmes.”

Mas Weaving entende como o diretor foi atraído de volta para o universo de Tolkien. “Uma vez que você faz *O Senhor dos Anéis*, você quer voltar e fazer *O Hobbit*, mesmo considerando que se trata de uma obra bem diferente em termos de tom. *O Hobbit* não parece tão arrasado pela guerra quanto *O Senhor dos Anéis*.” Essa diferença interessou particularmente ao ator, famoso pela “psicologia complexa” de seus personagens, como o Agente Smith de *Matrix* e o anjo vingativo de *V de Vingança*. “No caso de Elrond, trata-se de qual o seu papel como guardião desse lugar, mesmo sabendo que, no fim, tudo na vida passa.” Como todos os atores que voltaram à série, Weaving fala do espírito familiar que se estende pelos enormes estúdios, telas verdes de efeitos especiais e bandos de trolls errantes. “Às vezes, *O Hobbit* me parecia o filme caseiro mais caro já feito”, ele diz. “Mas Peter Jackson estava absolutamente no controle. E, de qualquer modo, aprendi com *O Senhor dos Anéis* a simplesmente me deixar levar pela corrente.” KATIE VAN SYCKLE

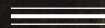
A ARTE DE O HOBBIT

A equipe de artistas de Peter Jackson, da Weta Workshop e da Weta Digital, trabalhou por mais de uma década para trazer o mundo fantástico de J.R.R. Tolkien à vida





NA CASA DE
ELROND
Em *O Hobbit*,
veremos mais dos
amplos salões de
Valfenda do que
vimos em *O Senhor
dos Anéis*.



ines249

68

HOBBIT



O FEITICEIRO E O GRANDE ORC

“Devemos ter uns seis mil esboços feitos para o filme a esta altura”, diz o ilustrador John Howe.

“Mas há uma profundidade espantosa em *O Hobbit*. Tolkien usou as mitologias nórdicas e celtas, coisas profundamente essenciais, nas quais nós deixamos nossas visões.”



abaker

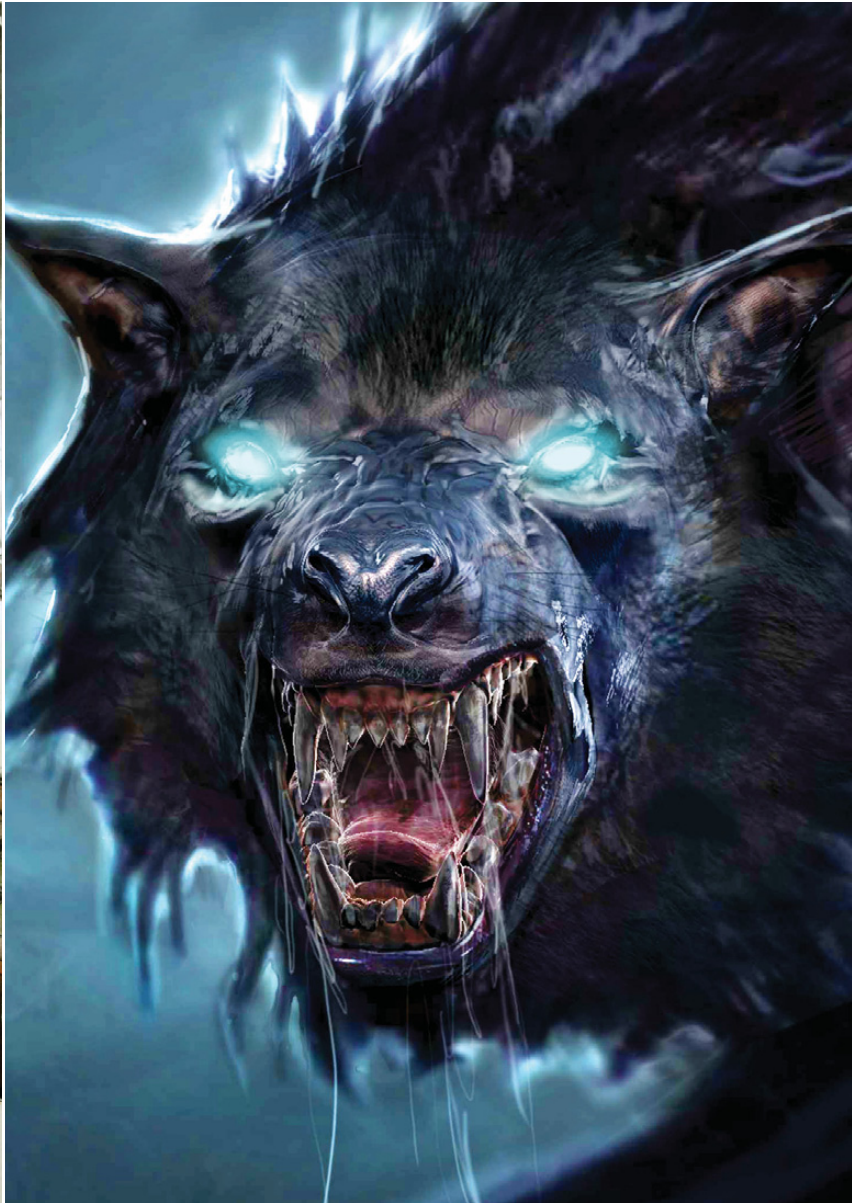


IMAGINANDO A TERRA-MÉDIA

Para *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, os lendários ilustradores Alan Lee e John Howe elaboraram todas as paisagens, criaturas e personagens da Terra-média. *(No sentido horário, a partir de cima)*

Uma visão da casa de Bilbo, o Bolsão; um warg, tipo de lobo gigante feroz montado por goblins em batalha; um elfo superior; uma vista do palácio de Elrond.







CALABOUÇOS ENCRAVADOS

As cavernas dos orcs, dentro
das Montanhas Sombrias,
de onde Thorin e companhia
precisam escapar.



*“Agarra, petisca! Prende, belisca! Descendo,
descendo à cidade dos goblins, se vai, meu rapaz!”*
— a canção dos orcs de J.R.R. Tolkien



O LAMENTO
DE BILBO

“Aventuras fazem
com que você se
atrase para o jantar.”

EXCLUSIVO
POR DENTRO
DO MAIOR
FILME DO ANO

*A Vida Secreta
de Gandalf*

*Na Pele de
Bilbo Bolseiro*

*A Natureza
Selvagem de Gollum*

MAIS
*Uma Entrevista
Reveladora com o
Diretor Peter Jackson*